



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfdabr.com.br

### O mistério do Botafogo

Quando eu morava na 203 Norte, ia todos os domingos até a 403 Norte, no Só Drinks, que era uma espécie de cursal do Botafogo em Brasília. Torço e me retorço pelo Corinthians, mas ia lá, trocava o conforto da poltrona para me sentar em cadeiras precárias, ou para ficar em pé, apenas para sentir aquele clima de arquibancada de um estádio de futebol.

Algumas vezes, Brasília parece uma cidade fantasma, sem ninguém nas

ruas. Mas aquela parte da cidade tem algo muito vivo do clima de subúrbio do Rio de Janeiro. O Botafogo não ganhava nem campeonato de cuspe a distância, mas a torcida mantinha-se fiel, apaixonada e desvairada. Naquele tempo, o Botafogo tinha um timeco e lutava para não cair para a segundona do Brasileiro. Mas, agora, todos os que apreciam o bom futebol gostam de ver o Botafogo jogar.

Faturou o Brasileiro e a Libertadores, mas de maneira dramática, como sempre acontece. Na final da Libertadores, contra o Atlético mineiro, o meio-campo Gregori deu uma botinada no Fausto Veras, com 20 segundos de jogo, e foi expulso. Os botafoguenses se

desgrenharam de desespero. Mas o time se superou e ganhou por 3x1, jogando 10 contra 11 do Atlético.

No Brasileiro, o Botafogo estava empatado com o São Paulo. Seria campeão de uma maneira sem graça, mas, no último minuto, Gregori rouba uma bola na área do adversário, avança e chuta para marcar 2x1 e imprimir uma energia de festa ao sagrar-se campeão. No entanto, é intrigante como o Botafogo desperta tanta paixão.

Como se explica o mistério de o Botafogo não ganhar por tanto tempo e manter uma torcida tão fanática? Para responder a essa pergunta só mesmo Nelson Rodrigues, o nosso Freud de Madureira. Vamos digitar o endereço

eletrônico de Nelson no outro mundo: sobrenaturaldealmeia@nelsonweb.com. Fala, profeta do óbvio: "Estava escrito há 6 mil anos antes do paraíso que o Botafogo seria campeão da Libertadores e do Brasileiro. Vocês viram que o Gregori deu uma botinada na cara do jogador do Atlético mineiro na final da Libertadores, com 20 segundos de jogo. Foi expulso e, mesmo assim, o Botafogo venceu. O que ajudou a salvar o Botafogo foi a fé. Sem fé, você não chupa nem um picolé de chicabon. Você engasga com o palito e é atropelado pela carrocinha".

Mas por que torcer para um time que provoca tanto sofrimento? Pausa. Nelson faz suspense por alguns segundos e

responde: "Pergunto eu — por que vamos ao campo de futebol? Porque esperamos a vitória. Os outros comparecem na esperança de saborear, como um chicabon, o triunfo do seu clube. Mas o torcedor do Botafogo compra o seu ingresso como quem adquire o direito, que lhe prece sagrado, de sofrer".

Explique melhor, Nelson, peça ao nosso profeta do óbvio: "No fundo, existe no alvinegro nato um pouco do Jeremias de Portinari. Ele só está feliz e realizado quando arranca os cabelos e chora lágrimas de esguicho". É, Nelson, o Botafogo passou sufoco, mas, desta vez, os botafoguenses estão chorando lágrimas de esguicho, mas da mais pura felicidade.

# MULHERES NA CIÊNCIA

PESQUISADORAS DA UnB SÃO AGRACIADAS COM O PRÊMIO CAPES ELSEVIER POR TRABALHOS NAS ÁREAS MÉDICA E HUMANAS. OBJETIVO DA INICIATIVA É DAR VISIBILIDADE À PRODUÇÃO CIENTÍFICA FEMININA

» BRUNA PAUXIS

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

A professora do Departamento de Estatística da Universidade de Brasília (EST/IE/UnB) Ana Maria Nogales e a doutora em psicologia social pela UnB Jéssica Esther Farias receberam o Prêmio Capes Elsevier 2024 Mulheres na Ciência, representando a Região Centro-Oeste. A premiação reconheceu os trabalhos de 15 pesquisadoras brasileiras, entre 2019 e 2023, nas categorias Médica, Exatas e Humanas. O objetivo da iniciativa é dar visibilidade à produção científica feminina e promover a equidade de gênero na ciência.

A professora Ana Maria Nogales, 66 anos, foi reconhecida pela atuação na área médica. Ela trabalha há mais de três décadas analisando indicadores referentes à saúde, como níveis de fecundidade e de mortalidade nos grupos populacionais, e as mudanças em sua métrica ao longo das décadas, com os avanços tecnológicos. "Esses dados foram muito importantes durante a pandemia de covid-19. Foi possível acompanhar o aumento do número de casos e de óbitos em todo o país, praticamente em tempo real", explica.

No contexto da pandemia, Jéssica Esther Farias também se aprofundou. Premiada na área de humanas, ela desenvolveu um estudo sobre fatores que levaram à violação do isolamento social e a influência de teorias conspiratórias na adesão a medidas preventivas. "Eu me senti feliz com o reconhecimento do impacto do meu trabalho científico. A iniciativa é importante para estimular que mais mulheres entrem e permaneçam na academia. Por isso, é um projeto louvável, que estimula a igualdade de gênero na carreira acadêmica", ressalta.

As vencedoras foram selecionadas a partir do indicador de citações ponderadas por disciplina, que mede o impacto de um trabalho em relação a outros de mesmo formato. São comparadas pesquisas do mesmo tipo, disciplina e ano de publicação, extraídas da ferramenta de avaliação de produção científica e de métricas da editora acadêmica Elsevier. A honraria a ambas docentes foi entregue em 6 de novembro, em uma cerimônia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em Brasília.

#### Avanço

Um relatório da Elsevier-Bori, lançado em março deste ano, mostra que 49% da produção científica brasileira tem pelo menos uma mulher entre os autores. O documento aponta que, nos últimos 20 anos, a participação de mulheres na ciência brasileira como autoras de publicações científicas cresceu 29%. Embora os números sejam animadores, ainda é necessário fomentar, cada vez mais, a presença feminina em pesquisas acadêmicas e as universidades são a porta de entrada para isso.

"Sou grata à UnB e ao meu orientador de mestrado e doutorado, professor Ronaldo Pilati, pela oportunidade de realizar pesquisa científica de alta qualidade e poder contribuir



É importante mostrar para os jovens, especialmente para as meninas, que é possível realizar uma trajetória acadêmica em diversas áreas do conhecimento, mesmo naquelas com a maior participação masculina"

Ana Maria Nogales, professora do Departamento de Estatística da UnB



Eu me senti feliz com o reconhecimento do impacto do meu trabalho científico. A iniciativa é importante para estimular que mais mulheres entrem e permaneçam na academia. Por isso, é um projeto louvável, que estimula a igualdade de gênero na carreira acadêmica"

Jéssica Esther Farias, doutora em psicologia social pela UnB

para avanços científicos na área de Psicologia Social", destaca Jéssica.

Ana Maria relaciona o papel dos programas universitários de pesquisa e a presença feminina nesses ambientes. "É importante mostrar para os jovens, especialmente para as meninas, que é possível realizar uma trajetória acadêmica em diversas áreas do conhecimento, mesmo naquelas com a maior participação masculina", avalia. "As academias têm desempenhado um papel fundamental na produção de conhecimentos e na formação de profissionais que possam lidar com temas

complexos que nos desafiam cotidianamente", completa.

A UnB tem se consolidado ao longo dos anos como uma grande potência de pesquisa. Em 2023, o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT/UnB) conquistou o nível 3 do Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos (Cerne), certificação conferida pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec). A instituição também recebeu, em 2022 e 2023, o Prêmio Universidade Startup Friendly, concedido pela Brasil Startup.

#### Conquista

Em uma seleção que envolvia todo o Centro-Oeste, ter duas premiadas no Distrito Federal é uma conquista e tanto. Com pouco mais de 70 anos de idade, a unidade federativa tem se desenvolvido cada vez mais, formando alunos que voltam às suas universidades para lecionar.

"Desde minha graduação, me encantei com a pesquisa e, por isso, assim que me formei em estatística, iniciei o mestrado, que cursei no México. Uns dois anos depois da minha volta, entrei na UnB como

professora", lembra Nogales.

Já Esther faz parte do público de estudantes de outros estados que vêm fazer pesquisas aqui e se encantam pela cidade. A pesquisadora é cearense, se formou em Fortaleza e mora no DF há quase nove anos, desenvolvendo seu mestrado e doutorado na capital. "Gosto muito de Brasília e pretendo continuar por aqui. E gosto da UnB também. Foi a instituição que me possibilitou o desenvolvimento na área da pesquisa, além de outras atividades extracurriculares que também são muito importantes", conta.